

# A política econômica do governo Trump

*Choque na economia mundial, se pacote de tarifas for mantido, não será trivial*

*Por Armando Castelar Pinheiro*

Pesquisador do IBRE/FGV, professor do Instituto de Economia da UFRJ, Castelar é PhD em economia por Berkeley e foi chefe do Departamento Econômico do BNDES

*Valor, 04/04/2025*

---

Depois de longa espera, finalmente se conheceu o pacote de tarifas do presidente Donald Trump. O anúncio veio ainda pior do que se temia, levando as tarifas americanas para o elevado patamar de um século atrás. O choque na economia mundial, se o pacote for mantido, será não trivial. Até por isso, segue pouco claro qual o papel que as tarifas devem cumprir nos planos econômicos que Trump tem para o país e, de fato, quais são esses planos.

Em parte, essa dificuldade vem das idas e vindas de Trump em relação às tarifas, assim como de elas serem citadas como instrumentos de políticas diversas: combate ao consumo de drogas e à imigração ilegal, adoção de sanções a governos não alinhados, fonte de arrecadação tributária etc. Assim, vários objetivos são citados, nem todos consistentes entre si, e com prioridades que mudam a cada instante.

Nesse sentido, achei bem úteis os podcasts com os ministros americanos Scott Bessent ([bit.ly/3Rx4DBK](https://bit.ly/3Rx4DBK)), secretário do Tesouro, e Howard Lutnick ([bit.ly/4iTAAKo](https://bit.ly/4iTAAKo)), secretário de Comércio, para os quais o Deutsche Bank chamou a atenção em relatório publicado esta semana. Neles, os dois organizam as linhas gerais pelas quais enxergam a política econômica de Trump se desenvolvendo nos próximos anos. Essa se sustenta, essencialmente, sobre quatro pilares.

Primeiro, sai de cena a prioridade no consumidor e entra aquela no trabalhador americano. Assim, a meta é implantar um amplo programa de substituição de importações de produtos industriais, semelhante ao que os países latino-americanos adotaram no pós-Segunda Guerra. Com isso se encarecem as importações, com a expectativa de que os exportadores de hoje invistam e passem a produzir esses bens nos EUA, gerando empregos para a classe média. O resultado final será, como a experiência ensina, produtos mais caros, mas os empregos estarão lá. Em que número, em um mundo em que os robôs e a inteligência artificial ganham espaço, é outra questão. Provavelmente, serão relativamente poucos. De qualquer jeito, como expressou Bessent, a visão agora é de que “o sonho americano não se baseia em produtos baratos”.

Essa política também se alinha ao objetivo de promover a segurança nacional, tornando o país menos dependente das cadeias globais de valor, em especial de produtos chineses, uma meta que o governo anterior já perseguia. A pergunta, claro, é se esse objetivo é viável e a que custo. Não se descarta que, para viabilizá-lo, também em linha com a experiência latino-americana do século XX, o governo americano busque enfraquecer o dólar, via um acordo semelhante ao Acordo Plaza, de 1985. Se conseguirá, após a má experiência do Japão nos anos seguintes a esse acordo, é longe de certo. Esse seria, de qualquer forma, um objetivo a ser perseguido mais à frente, de acordo com Stephen Miran, presidente do Council of Economic Advisors de Trump (ver [bit.ly/4la3Yno](https://bit.ly/4la3Yno)).

Segundo, para compensar o custo mais alto dos bens e atrair novas plantas industriais, se pretende reduzir os impostos. A ideia é renovar a legislação, aprovada no primeiro governo Trump, que reduziu tributos, e isentar de imposto de renda quem ganha até US\$ 150.000 por ano (85% da população). Energia barata, para empresas e consumidores, é outro objetivo citado de forma recorrente.

### **Plano em construção levaria a uma economia liberal domesticamente, mas protecionista no comércio exterior**

Terceiro, em que pese a diminuição da carga tributária sobre trabalhadores e empresas, se pretende reduzir o déficit público via, principalmente, cortes significativos dos gastos públicos, como os ora promovidos pelo Departamento de Eficiência Governamental (Doge) liderado por Elon Musk. Como colocado por Bessent, “nós não temos um problema de receitas, temos um problema de gastos” excessivos. De qualquer forma, também se fala de aumentar receitas via, por exemplo, a forte arrecadação de tributos sobre as importações (US\$ 1 trilhão por ano) e a venda de vistos permanentes para milionários (alguns trilhões de dólares nos próximos anos). Também se citam iniciativas como opções de ações de empresas fornecedoras do setor público e a exploração financeira de ativos públicos, via a criação de um fundo soberano. O menor déficit público primário, assim como o corte de gastos, também permitiriam baixar as taxas de juros, o que ajudaria bastante, considerando o tamanho da dívida pública americana.

Quarto, em linha com o objetivo de tornar os EUA mais atrativo para investimentos, se pretende um amplo programa de desregulamentação, que reduza os custos das empresas. Essa iniciativa já ganha contornos mais claros nas áreas ambiental e financeira. Nesta, por exemplo, se defende menores exigências de capital para os bancos, de forma a ampliar e baratear o crédito.

Essas ainda parecem ser propostas em construção, que levariam a uma economia liberal domesticamente, mas protecionista no comércio exterior. O mais provável é que nos próximos anos se busque transformar essas ideias em uma ideologia econômica mais consolidada, via publicações acadêmicas e relatórios de organizações multilaterais. Será interessante observar, nesse contexto, se e como a revisão em curso no financiamento que o governo federal dá às universidades, que já impactou Columbia, Princeton e Harvard, por exemplo, ora mais focada em questões de valores, irá se relacionar com a consolidação dessa linha de pensamento econômico. Algo parecido pode ocorrer em organizações como o FMI e o Banco Mundial. E, claro, se o governo Trump agumentará o tranco que vem aí na economia.

**Armando Castelar Pinheiro é professor da FGV Direito Rio e do Instituto de Economia da UFRJ e pesquisador-associado do FGV Ibre e escreve mensalmente neste espaço.**  
**Twitter: @Acastelar.**